

Velhice e trabalho, uma relação possível?

Maria Amélia Ximenes

Maria Helena Villas Boas Concone

RESUMO: Como a mídia visualiza o trabalho tendo como referencial a velhice? Esta pergunta nos levou a eleger a categoria “trabalho” definindo-a para efeito desta reflexão. Valorizou-se a fala dos idosos, acrescentando a pergunta que deu margem ao artigo: A partir de suas falas nos jornais, como os velhos vêem o trabalho?

Palavras-chave: Velhice; Trabalho; Mídia

Old-age and work, a possible relationship?

ABSTRACT: *How the media views the work as a reference to old age? This question led us to choose the category “work” by defining it for the purposes of this reflection. Statements of the elderly have been valued, and the question that gave rise to the article was added: From their statements in newspapers, how do elderly people see work?*

Keywords: *Old age; Work; Media*

Como a mídia visualiza o trabalho tendo como referencial a velhice? Esta pergunta nos levou a eleger a categoria “trabalho” definindo-a para efeito desta reflexão.

Ao começar o processo de análise, valorizou-se também a fala dos idosos, acrescentando a pergunta que deu margem ao artigo: A partir de suas falas nos jornais, como os velhos vêem o trabalho?

Na sociedade contemporânea, a mídia ocupa papel primordial veiculando certas representações dos velhos, velhice e do envelhecimento, exercendo a função de ponto de referência. A imagem ou imagens apresentada aos leitores tem importância significativa na construção da velhice (Côrte, 2007).

No que concerne ao tema deste capítulo, 5,7% (113) notícias do total de 1980 eram relacionadas à categoria trabalho. Quando separadas segundo o ano de publicação representaram 4,2% em 2004 e 7,2% em 2005. O que mostra que cresceu o interesse da mídia pelo tema velhice e a sua estreita relação com o trabalho. Isso é o reflexo de uma sociedade que rumo para a longevidade.

“Entre os muitos desafios que o executivo moderno enfrenta podemos incluir agora também a longevidade. Tendo sua vida dividida em três grandes etapas – preparação para o trabalho; trabalho-emprego e pós-trabalho ou pós-emprego – o que agora se constata é um prolongamento da última.[...]. A longevidade representa na sociedade moderna o mesmo impacto que tiveram o avanço tecnológico, a pílula anticoncepcional, o controle da natalidade, a descrença nas instituições...o fortalecimento do individualismo e o acesso das mulheres às posições de poder. Ou seja, é mais um dos desafios a serem administrados” (VE, 2005).

Na verdade esses números estão sinalizando para um aumento do tempo “produtivo”, de trabalho remunerado, na vida das pessoas (ainda sutil, mas visto com bons olhos) consequência natural do crescimento mundial do número de velhos e que sugere, no caso do Brasil, que está havendo uma adequação destes às exigências impostas pela vida atual.

“O envelhecimento da força de trabalho americano pode ser mais benéfico do que se projeta” (OESP, 2005).

“Temos uma luta terrível para colocar o idoso no mercado de trabalho. Ele não vive com a aposentadoria que recebe e geralmente ainda carrega uma família nas costas... Ninguém trabalha porque gosta, de vez em quando, o dinheiro é importante porque sem ele muitas vezes, ou você compra remédio ou come” (JT, 2004).

O termo *trabalho*, segundo Pais (2001, p.18), tem raízes etimológicas no latim: dizia-se *tripalium*, que também designava um instrumento de tortura¹. Na Bíblia, a idéia do trabalho, igualmente aparece associado à “tortura”, ao “castigo”, à “maldição”. Adão foi expulso do paraíso por contrariar a vontade de Deus e lhe foi dada a possibilidade de

¹ Composto por três estacas cruzadas ou paus (do latim *palu*). Com esse instrumento (*tripalium*) os réus eram torturados (PAIS, 2001, p.18).

“purificação”, de expiação, através do “sacrifício laboral”. O homem teria sido condenado por Deus “a ganhar o pão com o suor do seu rosto”.

Atualmente o trabalho continua a conservar o sentido de obrigação, esforço e sofrimento (Ibidem, p.19) tanto que, determinados réus têm como pena a obrigatoriedade de fazer um tipo específico de trabalho (estabelecido pela justiça), para a comunidade e, ainda há aqueles, que têm suas penas reduzidas a partir de horas trabalhadas no presídio. Este último caso sugere o trabalho como prevenção do ócio, “senhor responsável por alguns males da sociedade”.

Blass (2004) concorda que no imaginário ocidental, o trabalho mobiliza sentimentos negativos enquanto que o não trabalho tem uma conotação positiva implicando em descanso, prêmio e ócio. Não se pode perder de vista, entretanto, que o ócio valorizado é aquele conquistado depois de muitos anos de trabalho; ao ócio “senhor dos males”, ou “pai de todos os vícios”, contrapõe-se o ócio como prêmio de uma vida laborativa.

Por outro lado o mundo dos “fazeres” define as pessoas: “o que você faz”?, “Você trabalha com que?”, são perguntas que identificam, situam uns diante dos outros. A identidade do indivíduo se constrói a partir de suas atividades remuneradas e é através destas que ele consegue satisfazer suas necessidades com dignidade.

“O magnata das comunicações Rupert Murdoch, 74 anos, presidente da News Corp, voltará a ser o editor do jornal The New York Post ...” (OESP, 2005).

“Este primeiro número presenteia o leitor com uma entrevista feita com o roteirista, tradutor, dramaturgo, ilustrador, compositor e sempre irreverente, Millor Fernandes²” (OESP, 2005)

“(…) O cineasta americano Woody Allen, 70, volta a filmar em Londres, após Match Point, ainda inédito no Brasil” (OESP, 2005).

“Um mês depois de assumir a secretaria de estado da cultura, o cineasta João Batista de Andrade, 65, pretende manter o andamento da gestão anterior e cita a “inclusão cultural” como prioridade” (FSP, 2005)

² Millôr Fernandes em 2005, ano da notícia, tinha 82 anos.

Assim como a identidade coletiva, a identidade pessoal sofre interferência dos valores sociais e, conseqüentemente, quando se dá o afastamento das funções profissionais a pessoa já não mais identifica sua posição atual com aquela valorizada nas sociedades capitalistas, necessitando reorganizar sua identidade (Silva, 2004).

“Por causa do baixo valor da aposentadoria, a população urbana com 60 anos ou mais, principalmente as mulheres, é levada a permanecer na ativa. Entre 1992 e 2003, o número de aposentados ocupados acima de 60 anos cresceu 46,7%. (...) Somando-se também as mulheres aposentadas acima de 60 anos, o número de famílias chefiadas por elas quase dobrou entre 1992 e 2003³” (VE, 2005).

“Por dois anos, Gisela enviou currículos para escolas, mas não recebeu uma resposta sequer, a oportunidade surgiu no ano passado, quando a filha Simone viu no jornal um anúncio da Pizza Hut procurando pessoas com mais de 60 anos” (OESP, 2005).

“Trabalho muito, e o dinheiro não vem vivo de pires na mão. Meu histórico não adianta nada. A vida lhe dá duas opções: ou você fica em casa fazendo tricô, ou vai a luta. Preciso trabalhar. Liberdade é dinheiro. Como vivi e estudei em Londres, conhecia bem a obra de Oscar Wilde e aceitei o convite do Tolentino na hora. Eu estava vivendo, lendo, sonhando” (FSP, 2005).

O sistema capitalista vigente valoriza o trabalho produtivo. Entra em cena o homem considerado “produtivo” ficando a velhice à margem, por ser percebida como o momento não produtivo, do “descanso”, do não-trabalho. Nesse mundo de produção olha-se o velho como objeto de descarte.

Dessa forma, trabalho parece não combinar com velhice. Espera-se que uma pessoa ao ultrapassar 65 anos esteja ou aposentada ou providenciando sua aposentadoria. Caso isso não venha a acontecer os velhos em questão são dignos de interesse (curiosidade) por parte da mídia. Foi o que se pode observar de pronto na pesquisa realizada.

³ Segundo o jornal a conclusão, feita em 2003, é de estudo da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE), com base em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, do IBGE.

“Juntas elas somam 310 anos de idade de carreira, quase três séculos, tempo de vida que as autorizaria a ficar em casa folheando álbuns apinhados de fotos sépias ou mexendo e remexendo em peças de roupa esgarçadas pelo passar das décadas as atrizes Tonia Carrero, 82, Cleyde Yaconis, 81, Maria Fernanda, 77, e Marilena Ansaldi, 70, fizeram diferente, trocaram o curso de cerâmica, o carteadado ou o saudosismo por trabalhos e dividem os mesmos holofotes com gente que nem era nascida quando elas já eram mitos” (FSP, 2005).

Não seria demais apontar que este comentário aparentemente positivo, de fato reforça o que vimos dizendo acima: a velhice ativa é objeto de interesse, aparece como uma excentricidade digna de exposição; por outro lado, no avesso do interesse despertado por essas pessoas, encontramos a visão reiterada do velho descartável. O trabalho remunerado (a continuidade do emprego) o dignifica, mas as atividades de lazer, lúdicas, criativas ou passatempos, são tão descartáveis quanto os próprios velhos: “saudosistas”, “remexendo peças esgarçadas pelo tempo”, fazendo “curso de cerâmica” ou “carteadado”; se um desses idosos ou idosas revelar-se no carteadado ou na cerâmica, então será objeto de interesse midiático. Enfim, parece que para ter dignidade “o velho” deve se distanciar da imagem, ela mesma convencional, de velho.

Apesar desse pensamento ser predominante em nossos dias, a mídia “sinaliza”, para um futuro próximo, um velho produtivo aos olhos da sociedade, já que está se inserindo no mundo do trabalho remunerado. Cada vez mais gozando de uma “boa saúde”, que tem participado de forma ativa da sociedade, com sua identidade e dignidade preservadas. Sai de cena a “velhice de pijama” da “avó Dona Benta”. Dessa maneira os jornais denunciam mudanças de paradigmas no cenário da velhice.

“Os idosos de hoje são sadios e produtivos. A maioria consegue trabalhar em tempo integral; outros trabalham em tempo parcial ou em dias alternados; há ainda os que executam projetos ao utilizar todas essas modalidades de trabalho, o Japão está conseguindo manter o mínimo necessário em sua força de trabalho, com a vantagem de ocupar o idoso, postergar a aposentadoria, e aliviar as contas da previdência social” (JT, 2005).

“Em sua mesa habitual no restaurante do Hay Adams Hotel, o chefe dos lobistas de Washington, de 82 anos, refletiu sobre como mudou a cidade e os novos planos de ação dos lobistas. Valenti adaptou-se a todas essas mudanças bem o suficiente para

chegar ao que chama de sua grande conquista: ‘sobrevivi’” (OESP, 2004).

“Aos 86 anos, o aposentado armênio, trazido para o Brasil pelas Nações Unidas (ONU) como refugiado da Áustria, em 1958, conseguiu burlar a segurança, composta por 3 mil homens, da décima primeira reunião da Unctad e entrar no Palácio de Convenções do Anhembi, em São Paulo, para contar aos organizadores o seu problema” (OESP, 2004).

As notícias revelaram que o velho ao buscar um novo emprego para ter uma renda extra, ganha em qualidade de vida: previne o ócio, melhora sua renda e aumenta a sua auto-estima, já que o mercado valoriza a sua experiência. As vagas são escassas e exigem algum tipo de qualificação, por isso a grande maioria dos velhos está inserida no mercado informal ou subemprego.

“Muitas das pessoas que se aposentam a partir dos 50 anos sentem o peso do ócio e da queda no padrão de vida por conta dos benefícios magros. O mercado aproveita a experiência delas e oferece várias oportunidades” (JT, 2004).

A concepção de velhice em pouco menos de 100 anos foi modificada em mais de um sentido e “parece” que foi empurrada para mais longe... Tais mudanças se refletem no perfil das populações mundiais. De qualquer modo, não se é mais tão velho aos sessenta como já se foi num passado não muito remoto (Concone, 2005). Essas mudanças podem explicar a presença crescente de velhos exercendo ainda sua profissão ou desenvolvendo atividades produtivas.

Mas, quais profissionais continuam exercendo suas profissões? Quais trabalhadores velhos estão na mídia?

Os artistas (atores, músicos, arquitetos), políticos, profissões ligadas ao esporte, jornalistas, escritores, professores, empresários, religiosos e físicos são as profissões presentes. As questões do envelhecimento não afetam estas profissões? É como se estes profissionais não ficassem “velhos” perante a sociedade. As pessoas não questionam sua idade e nem o momento que irão sair de cena. Exalta-se a sua experiência, admira-os pela “jovialidade” ainda presente, pela criatividade e por ainda continuarem na ativa.

“Djalma Santos, 76 anos, ainda na ativa, melhor lateral direito da história, ainda bate bola em Uberaba e comanda projeto de escolinhas” (OESP, 2005).

“Aos 62 anos, cabelos prateados e vasto bigode que emolduram o rosto envelhecido, ele é simplesmente Dias para os meninos que estão em busca do sonho de um dia vestir a camisa profissional” (OESP, 2005).

“Aos 89 anos de idade, o ex-secretário da defesa dos Estados Unidos Robert Mcnamara continua a devorar pilhas de livros e de relatórios sobre segurança, estratégia e geopolítica em seu amplo escritório da Corning, a multinacional da qual é diretor” (OESP, 2005).

Em contrapartida os vendedores ambulantes, também estão nas páginas dos jornais, mas de uma forma mais sutil. É o subemprego presente, decorrente de uma aposentadoria insuficiente e da necessidade de complementar o rendimento mensal da família. Dessa vez a mídia fala de funções consideradas “humilhantes” e a idéia do trabalho pelo sentimento de “utilidade” na velhice cai por terra:

“Ninguém trabalha porque gosta. De vez em quando, o dinheiro é importante porque sem ele ou você compra remédio ou come” (JT, 2004).

E outras profissões? Por que não aparecem? Por que não são notícia? Pode-se dizer que as profissões que aparecem na mídia têm em comum a intelectualidade e a qualificação (de forma mais ou menos forte) ou, como no caso das artísticas e as ligadas ao esporte, são profissões percebidas como não trabalho. “Fulano tem boa vida é artista” ou “Vida boa é a de professor”, são falas que ainda são freqüentes desde o tempo de nossos avós.

A noção moderna de trabalho foi construída a partir do trabalho fabril; assim, trabalho em geral remete à idéia do trabalhador masculino e assalariado. O mundo do trabalho tem sido separado da casa, da família, do local de moradia, tornando-se cada vez mais autônomo, gerando novas relações sociais construídas no e através do trabalho assalariado e do local de trabalho; segundo alguns autores o trabalho/emprego é até certo ponto independente das relações sociais tradicionais, das práticas políticas, religiosas, culturais e educacionais.

Neste artigo, gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que esse novo lugar de construção de relações sociais e de identidades, torna o afastamento do emprego (que freqüentemente significa afastamento do exercício profissional) especialmente doloroso

para grande parte das pessoas. É quase como mudar para outro país, onde outros são os costumes, a linguagem, as práticas, as convenções; onde não nos reconhecemos e nem nos reconhecem.

O universo do trabalho é, contudo, um universo em transformação. Para alguns estudiosos, um conjunto de atividades sociais antes integradas no cotidiano da vida passa a compor “o mundo do não trabalho” (Blass, 2003, p.147). São aquelas atividades que oferecem produtos cuja produção resulta de múltiplos processos de trabalho. Um verdadeiro cruzamento entre emprego e trabalho apresentando uma diversidade de significados para quem os faz (Idem, 2004).

Autores que hoje problematizam a questão do trabalho, procuram fugir a uma demarcação estrita de trabalho como trabalho assalariado ou emprego. Assim, o conceito trabalho é ampliado (ou retoma sua real proporção) como sinônimo de toda atividade transformadora, de produção e reprodução da existência, sendo o emprego apenas uma de suas facetas. Quando se falava em “dupla jornada de trabalho” das mulheres, por exemplo, esta expressão se ancorava numa visão “tradicional” de trabalho; buscava dar conta do trabalho em casa (maternagem, cuidadora, limpeza, preparação de alimento, compras, gerenciamento da casa, etc...) e fora de casa (como doméstica, exercendo mediante salário funções semelhantes; no escritório; na escola; no comércio; na fábrica...), em suma, buscava demonstrar o desempenho de atividades não remuneradas (que são trabalho) e remuneradas (trabalho assalariado), pela mesma pessoa, destacando o aspecto de sobrecarga ou de exploração.

As profundas que as velhas definições parecem não servir mais; deste modo o “em casa” e “fora de casa”, como equivalentes de “não trabalho” e “trabalho assalariado”, ou emprego, hoje pouco significam para homens e mulheres. De fato, pode-se, graças à internet, “trabalhar em casa, para fora”, ou exercer em casa funções que antes eram realizadas no espaço fabril (montagem de componentes eletrônicos, costura, etc..). As idéias de trabalho como “castigo”, “expição” (no mundo cristão católico), ou “valor” (no mundo cristão protestante), conquanto persistentes não são mais hegemônicas, e pode-se reconhecer que o trabalho assalariado não necessariamente se opõe a prazer e auto-realização. Nessa medida, também as novas concepções merecem ajustes, caso contrário a fragmentação conceitual semeará mais caos que esclarecimento.

Enfim, as práticas de trabalho como de emprego (trabalho assalariado) desenvolvem-se em inúmeros lugares e apresentam inúmeros significados para quem executa. Blass (2004) sugere que os valores humanísticos transparecem apontando uma relação possível entre trabalho, emprego e atividades lúdicas, o que seria um ponto importante para nortear projetos, que visem novas formas de vida societária, pois envolvem verdadeiramente saberes e fazeres concretos inseridos na vida cotidiana e requeridos por diferentes práticas de trabalho.

Mas, e quanto a aposentadoria, qual seria o momento ideal para a aposentadoria? Seria o momento estabelecido individualmente (já que cada velho é único) ou pelo governo? A pesquisa sinaliza que passará dos 65 anos atuais.

“Faziam acordos e o governo seguia adiante”. Há um odor de hostilidade no ar, maior do que jamais vi. Se você tenta combater a mudança, está perdido. Abraça a mudança e dobre-a para o lado que lhe interessa. Queria sair por conta própria, sem ninguém em Hollywood dizendo: ‘quando diabos aquele velho vai sair de lá’? Depois de 38 anos, pareceu oportuno e inteligente, por isso decidi. Aposentadoria parece sinônimo de decadência e não pretendo decair tão cedo”, diz Jack Valenti, 82 anos, chefe dos Lobistas de Washington (OESP, 2004).

“Quero trabalhar enquanto tiver saúde”, diz Sachiko Ichioka, uma viúva de 67 anos que prepara peças de equipamentos de ventilação para entrega na Kato Manufacturing” (OESP, 2005).

“É melhor trabalhar, caso contrário, a doença chega mais rápido. Eu gosto de andar bem, na moda, mas eu não ganhava muito. Saio daqui com minha cabeça fresca. Deixo meus problemas em casa e aqui estou sempre sorrindo. Quando eles percebem a minha pressa em trabalhar, perguntam como eu consigo manter essa energia na minha idade. Eles contam que gostam da minha agilidade porque dizem que não conseguem ter o mesmo pique. Tenho 15, comenta, demonstrando orgulho” (JT, 2004).

Pelas falas percebe-se que o trabalho remunerado é pensado como trazendo benefícios aos idosos que continuam na ativa. É um discurso antigo. Porém temos uma realidade paralela: o velho que não tem escolaridade e qualificação e necessita ganhar mais dinheiro, já que a aposentadoria é curta (curta em cifrões, porque ao que tudo indica, terá longa duração) e só tem ao seu dispor o trabalho braçal. Neste caso, a mídia

coloca o trabalho como injusto e humilhante pelas condições que este velho enfrenta no seu dia a dia.

A pesquisa aponta para uma longevidade evidente e no Brasil de hoje duas realidades: o velho qualificado, aquele que “nunca envelhece”, e é exaltado pela mídia e, o não qualificado que reúne todos os traços de uma velhice decadente. O que fazer com esta velhice? A aposentadoria elevada, aposentadoria progressiva, aposentadoria mais justa, uma reforma da Previdência Social, diz a mídia. Políticas educacionais sérias, como prevenção e a criação de uma política de saúde do trabalhador idoso, poderiam ser ações iniciais que impediriam que o velho voltasse a ser notícia, pelo menos de certo tipo de notícia.

Enfim, a mídia aponta que o trabalho remunerado começa a fazer parte cada vez mais da velhice: a tradicional fase do não fazer, do descanso. Agora a fase do “fazer criativo”, do “fazer para sobreviver”, do “fazer por prazer”, do “fazer por não saber não fazer”. Velhice e trabalho uma relação que se constrói na diversidade do envelhecer.

Referências

- BLASS, L. Nas interfaces do trabalho, emprego e lazer, *Caderno CRH*. Salvador, vol. 17 nº 41, maio/agosto, p.231-242, 2004.
- BLASS, L. Trabalho e suas metamorfoses. In: DOWBOR, L.; IANNI, O.; RESENDE, P. E. A. *Desafios da Globalização*. Petrópolis: Vozes, 2003, p.147- 153.
- CONCONE, M. H. V. B. O corpo: cultura e natureza. Pensando a velhice. In: CÔRTE, B.; MERCADANTE, E. F.; ARCURI, I. G. (Orgs). *Velhice envelhecimento complex(idade)*. São Paulo: Vetor, 2005.
- PAIS, J. M. *Ganchos, tachos e biscates. Jovens, trabalho e futuro*. Porto: Ambar, 2001.
- SILVA, E. C. Velhice: análise crítica da construção da “categoria” e sua re-construção. *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo, v.7, n.2, p.95-111, 2004.

Data de recebimento: 20/12/2008. Data de aceite: 18/3/2009.

Maria Amélia Ximenes – Graduação em Terapia Ocupacional pela Universidade de Fortaleza (1985), Especialização em Psicologia da Saúde pela UNESP de Bauru (2003), Mestrado em Gerontologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005) e é doutoranda em Ciências Sociais pela mesma Universidade. É Analista do Seguro Social do Instituto Nacional do Seguro Social com atuação na Unidade Técnica de Reabilitação Profissional. Atualmente é docente e Coordenadora do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade do Sagrado Coração (Bauru). Pesquisadora do LEC. E-mail: mameliaximenes@yahoo.com.br

Maria Helena Villas Bôas Concone – Graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1960), fez curso de especialização em Antropologia (61) e doutorado em Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1973). Desde 1994, é professora Titular do Departamento de Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora e orientadora nos Programas de Pós Graduação em Ciências Sociais e em Gerontologia da PUC-SP; membro do Centro de Estudos da Religião Douglas Teixeira Monteiro (CER); atualmente membro do Comitê de Ética em Pesquisa na Área de Saúde da Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo (CEP-SMS). Atua nas áreas de Antropologia da Religião e da Saúde/Doença com ênfase nos seguintes temas: umbanda, religião, saúde, corpo e envelhecimento. Associada a Associação Brasileira de Antropologia (ABA). E-mail: trconcone@yahoo.com.br